roteiro com foco na diversidade cultural e artística de Minas Gerais, a convite do Instituto Cultural Vale e do Instituto Inhotim. Os pontos turísticos escolhidos foram o Memorial Minas Gerais Vale, que é parte do Circuito Liberdade, em Belo Horizonte; o Museu Boulieu e o Museu do Oratório, em Ouro Preto; e o Instituto Inhotim, em Brumadinho. Nesta última parada, ainda foi possível conhecer o projeto de turismo rural e de base comunitária Céu de Montanhas.

Aos que ainda não se aventuraram nas cidades mineiras, fica o recado: os convites para tomar um cafezinho, que de diminutivo tem apenas o nome, revelam mesas caprichadas com pão de queijo, bolo, doces e biscoitos de polvilho. Não falta, claro, uma boa conversa — a combinação de sucesso para retornar para casa com histórias memoráveis e aquele gostinho de quero mais.

Ladeiras com história

Separe um sapato confortável, escolha a roupa mais fresquinha do armário e se prepare, pois, para conhecer Ouro Preto, é preciso ter fôlego para subir e descer ladeiras. Os refrescos estão nas belas paisagens, nas igrejas e nos casarões cheios de histórias, portanto, não se acanhe e siga em frente. O trajeto de Belo Horizonte até o município leva cerca de uma hora e 40 minutos.

Ouro Preto foi uma das primeiras cidades tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1938, e a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial, conferido pela Unesco, em 1980. Mas se engana quem pensa que a região se restringe aos feitos do passado. Afinal, não faltam repúblicas para acolher os jovens universitários da Universidade Federal de Ouro Preto, grupos que movimentam a vida noturna do local.

Próximo à Praça Central de Tiradentes, está o Museu do Oratório, situado no Adro da Igreja do Carmo, em um casarão setecentista de três andares. O espaço abriga um rico acervo com 162 oratórios e 300 imagens que retratam a forma como os brasileiros expressavam a devoção religiosa de maneira privada, em casa ou em viagens. As peças datam dos séculos 17 ao 20 e foram reunidas, ao longo dos anos, pela colecionadora e restauradora Angela Gutierrez.

Oratórios são utensílios religiosos, geralmente de uso particular. Os colonizadores portugueses foram os responsáveis por trazê-los à Colônia e por fazê-los presentes no cotidiano brasileiro, em fazendas, senzalas e residências. Os objetos revelam o desejo de posse de relíquias ou outros itens de piedade que conferiam aos seus donos

Traçamos uma pequena amostra da diversidade cultural e artística de Minas Gerais em três destinos: Ouro Preto, Belo Horizonte e Inhotim

Fotos: Nelson Kon

Manifestações artísticas provenientes da América Latina, no Museu Boulieu

Espaço para visitação no Museu Boulieu

segurança e intimidade com o mundo sagrado. Por isso, eram guardados em pequenos altares, ambientes propícios para orações e celebrações.

Questionada sobre o porquê decidiu doar as peças ao Iphan, Angela comentou: "Depois de um tempo, tive consciência de que sou mais fraca que a coleção". Parte do acervo já esteve em exposição itinerante, nacional e internacionalmente, em países como França, Inglaterra, Espanha, Itália, Venezuela e Chile.

"Nós fomos um país que tratou muito mal nossa memória. Estamos tentando nos redimir. Esses oratórios chegaram aqui caindo aos pedaços e foram restaurados e recuperados", destacou a colecionadora. Os utensílios têm influência barroca, rococó e neoclássica, apresentando detalhes da arquitetura, pintura, vestuário e costumes da época em que foram produzidos.

Difusão cultural

Inaugurado no ano passado, o Museu Boulieu abriga a coleção de obras barrocas, doadas pelo casal Jacques e Maria Helena Boulieu. O acervo foi montado ao longo de 60 anos. O espaço já recebeu mais de 40 mil visitantes e alcançou mais de 1 milhão de pessoas on-line.

A instituição ocupa as instalações do antigo Asilo São Vicente de Paulo, localizado ao lado do Paço da Misericórdia, onde funcionava a Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto. O prédio possui ambientes internos característicos da arquitetura sanitarista do início do século 20. Como o restante da cidade, que é repleto de lendas urbanas, há relatos de que, vez ou outra, velhos moradores do casarão decidem visitá-lo, de forma, digamos, misteriosa. Nada que os funcionários já não estejam acostumados.

O acervo reúne peças provenientes das regiões colonizadas pelos países ibéricos na Ásia e na América, incluindo o Brasil. Da coleção, contam-se histórias e traçam-se rotas, uma vez que as peças apresentam características resultantes das influências e trocas culturais que marcaram a diáspora do barroco. É possível notar o rigor artístico trazido pelas ordens religiosas, além das influências orientais da época. Dos séculos 18 e 19, há objetos produzidos na Bahia, em Pernambuco e no Maranhão.

Nas manifestações mineiras de arte popular, observa-se, mais uma vez, o retrato da forte religiosidade, na qual os santos tornam-se cada vez mais pardos e pretos. Além da visitação ao museu, o Boulieu é um importante espaço de difusão cultural em Ouro Preto, contando com a oferta de oficinas, bate-papos musicais e apresentações teatrais para a comunidade.